

JURUPARI*

WALDO MOTTA

Em sendo chegado o tempo
de um novo evangelho
e novas revelações
de combate ao mal da terra
e renovação do mundo

Jurupari vem do céu
sem trombetas e sem pompa
para restaurar a terra
e anular-lhe todo o mal
para ensinar outra vez
os preceitos rituais
as regras da convivência
e as normas de conduta
– a justiça e as leis
das regiões siderais
a arte de bem viver
a fórmula da justiça
da alegria e da paz.

Jurupari contristado
viu que o povo sofria
falta de conhecimento
vivendo como animais.

Cheio de aporrinhão
farto de ouvir uis e ais
Jurupari meditou
sobre o seu nome e destino:

* “Jurupari” é um dos poemas do recém-concluído e inédito livro *Terra sem Mal*.

boca silente, reticente
que jamais tuge nem muge
que nunca diz chus nem bus
que não diz uste nem aste
cúmplice do mal do mundo.
Isto não quero ser mais.

Jurupari se enfurece
e rasga sem dó nem pena
a plumagem de metáforas
da linguagem angelical
escangalha o figurino
transgride os protocolos
e códigos celestinos
espezinha os floreios
da retórica divina.

Jurupari se revolta
e revoga seus decretos.
Resolve abrir o bico
arreganha a matraca
põe a boca no trombone.

Jurupari vira o jogo:
torna-se o linguarudo
desbocado
boquejante
boquirroto
boquinegro.

Tem puçanga na língua
o uirari das palavras
a mandraca da poesia
o feitiço da verdade

que embevece os justos
e arrebanha os humildes
e enlouquece os ouvintes
e amedronta os boçais.

Jurupari filosofa:
– Esta vida é um buraco
do buraco todos vêm

ao buraco todos vão.
E não escapa ninguém.
Buraco que come
buraco que caga
buraco que vê
buraco que ouve
buraco que fala
buraco que pensa

buraco que anda
buraco que sente
buraco que ama
buraco que sofre
buraco que chora
buraco que sonha...

Tome lengalenga
tome blabláblá
tome nhenhém.

Jurupari desembucha,
escancara a bocarra,
solta a língua, rasga o verbo,
revela, desvela, esparra.

Clama e proclama
o seu evangelho
conta os segredos
desvenda os mistérios

– desencanta o mal.

Jurupari jurupi
Jurupari jurubi

Jurupari juraci
Jurupari jurucen

jurupuxi juruguera
jurubanga juruboca

Boca interditada
por leis e editais

boca lacrada
por lacres morais
boca selada
por falar demais
boca atarraxada
por conveniências
já não serei mais.

Sendo mister acabar
com a farsa milenar
derrotar a esfinge
matar a charada
decifrar o enigma
decantar o mistério
contar o segredo
quebrar o encanto
vencer o dragão
enganar o diabo
desafiar os deuses
dizer o indizível
com todas as letras,

o alcagüete dedura
a bocaina de Yanderu
o tohu e o bohu
o ninho do surucucu
a caverna de Platão
o buraco do tatu

o vazio dos místicos
o vácuo dos cientistas
o abismo teológico
o nada dos paspalhões
o ocão insofismável

a coisa intangível
a coisa imponderável
a coisa incognoscível
a coisa inefável
a coisa inominável
a coisa abominável

a coisa numinosa
a coisa secreta
a coisa misteriosa
a coisa terrível
a coisa maldita
a coisa vergonhosa

a coisa de Kant e Heidegger
a coisa de Freud e Lacan
a coisa em si

Jurupari desembesta
a falar a coisa a loisa
o treco o trem
o troço a joça
e berra
e ruge
e estruge
o cujo

o nome feio
o nome sujo
a palavrinha
o palavrão

Uma palavra sobre o poema

Jurupari é simplesmente o Messias indígena, mas os jesuítas o associaram ao demônio, rival de Jesus Cristo. Os mitos de ambos possuem muitas coisas em comum. Jurupari significa boca fechada, tapada, mascarada. Que boca seria essa? Vêm à tona questões relativas ao inefável, impronunciável e ao interdito, obsceno. Sagrado é sinônimo de obsceno.

Somente aos varões é permitido conhecer os mistérios de Jurupari.

A justiça é um apanágio desses dois Messias, que parecem ser a mesma divindade encarnada, um e outro nascem de uma virgem, instituem cultos masculinos e outras simetrias e convergências espantosas.

Sem exclusão de outras leituras, todos os deuses são alegorias, e prosopopéias suas falas, às vezes. Assim como a caverna platônica é uma alegoria filosófica (li isso algures), Jurupari é uma alegoria do buraco negro do corpo, a boca que fala em silêncio. Como seria de esperar, é quem faz e traz justiça, alegria e paz entre os homens, e entre os homens e mulheres.

No poema “Jurupari” apresento minhas implicâncias filosóficas, científicas e religiosas: o vazio, o nada, a origem, e também o inefável, o impronunciável,

poderiam ser sinônimos do nefando, isto é, do sagrado, como algo isolado, segregado, intocável, interdito, e que, por conveniência, deve ser mantido em segredo, não se deve dizer.

Acalento a ideia de discutir o “Vazio central” de Lao Tse, o “BeYTh” inicial no “BeREShYTh” dos judeus, o mundo dos “arquétipos” e a “caverna de Platão”, os “campos morfogenéticos” de Rupert Sheldrake e a “Ordem implícita” de David Bohm, o “buraco negro” e o “vácuo” dos cientistas, a partir da filosofia guarani.

WM